

Nome: Thiago Rodrigues
E-mail: macedoniorodrigues@gmail.com
Instituição de Ensino: UNIFESP
Orientadora: Rita de Cassia Souza Paiva

DO REDUACIONISMO DOGMÁTICO AO CETICISMO METODOLÓGICO: ALGO SOBRE A NECESSÁRIA POSTURA ANTI-DOGMATIZANTE NA CONTEMPORANEIDADE

O presente estudo pretende explicitar a atualidade do ceticismo metodológico como elemento central à atividade filosófica afim de evitar o reducionismo dogmático imperante em grande parte do discurso contemporâneo. Objetiva-se aqui, mais especificamente, se contrapor àqueles autores que se apresentam como detentores da reflexão filosófica, mas na realidade impõe uma postura dogmática e anti-reflexiva. Para tanto torna-se imperativo melhor pontuar nosso problema.

Todo estudante de filosofia aprende logo nas primeiras aulas que certo anti-dogmatismo é imprescindível ao estudo filosófico. O ceticismo metodológico empregado por Descartes em suas *Meditações* metafísicas constitui página central àqueles que pretendem desenvolver uma abordagem filosófica. Não é possível adentrar no universo da filosofia se adotamos passivamente como certas – Verdadeiras – as palavras de nossos *maestros*. Já dizia Nietzsche, “*retribui-se mal a um mestre, continuando-se sempre apenas aluno*” (NIETZSCHE, 1995, p. 20).

No entanto todo estudante de filosofia sabe também da importância de se estudar nossa herança filosófica. Não se faz filosofia sem o estudo da história da filosofia, mesmo que a atividade filosófica não se reduza aos estudos historiográficos. Não se pode contestar Kant, por exemplo, sem ao menos compreender sua filosofia. E compreender a filosofia kantiana significa também localizá-la no devir filosófico. Desse modo a história da filosofia, no registro da produção brasileira, surge contra certa produção diletante que imperava até então. Sabemos, portanto, da necessidade do estudo sistemático e metódico dos autores que compõem a tradição do pensamento filosófico.¹

¹ Àqueles que queiram se aprofundar nesta discussão recomenda-se o instigante livro de Paulo Arantes, *Um Departamento Francês em Ultramar*. São Paulo: Paz e Tera, 1994.

Torna-se imperativo então ressaltar a distinção entre a história da filosofia e a atividade filosófica.² É Kant também, na *Crítica da Razão Pura*, que alerta para a diferença entre filosofia e filosofar. Nesse sentido:

Pode-se apenas aprender a filosofar, isto é, a exercer o talento da razão na aplicação dos seus princípios gerais em certas tentativas que se apresentam, mas sempre com a reserva do direito que a razão tem de procurar esses próprios princípios nas suas fontes e confirmá-los ou rejeitá-los (KANT, 2001, p. 673).

Sendo assim, devemos conhecer as fontes históricas, mas cabe ao exercício da razão confirmá-las ou rejeitá-las, ou seja, a atividade filosófica se caracteriza por um exercício da razão. O que se entrevê aqui é a recusa de todo recurso ao *princípio de autoridade* como uma forma de fuga ao *pensar*, no sentido em que fala Hannah Arendt.³ Não se faz filosofia aderindo passivamente, isto é, acriticamente, à uma corrente de pensamento ou a uma retórica inflamada. Desse modo, a atividade filosófica exige o exercício da razão. Em outras palavras, filosofar é adotar certa abordagem metodológica baseada na investigação, o que leva aquele que se aventura nessa jornada a averiguar os dogmas estabelecidos, e a refletir a fim de alcançar suas próprias conclusões para além de toda orientação dogmática.

Durante séculos o *magister dixit* fez do apelo a autoridade a regra do discurso dogmático, isto é, se o “mestre disse”, logo, não se questiona. Durante o Idade Média, por exemplo, apelava-se ao *magister dixit* que, no caso, se referia a filosofia aristotélica, para impor fim a qualquer divergência possível. É inconteste que muitos dos representantes do discurso conservador na contemporaneidade lançam mão da retórica dogmática como forma de legitimar suas teses. Ora, nada mais contrário ao pensamento filosófico.

Desde Platão – filósofo epistemologicamente dogmático –, que o recurso a retórica é combatido. Aquele que faz uso do discurso inflamado e vazio como única forma de legitimar seu pensamento não pode ser considerado um pensador. E aquele que adere passivamente às suas teses tão pouco. Ouvimos reverberar aqui o *sapere aude*

² Não se objetiva aqui adentrar na já esgarçada querela entre a perspectiva hegeliana e a kantiana, como se se tratasse de abordagens antagônicas e excludentes, ao contrário, tomamos como ponto pacífico o necessário imbricamento entre estas duas perspectivas.

³ Pensamos aqui na distinção proposta pela autora em *A Vida do Espírito* entre *conhecer* e *pensar*, sendo, *grosso modo*, o primeiro a busca da verdade, e o segundo a construção de sentido. Desse modo, embora isso não seja desenvolvido aqui, o exercício filosófico exige essas duas dimensões propostas por Hannah Arendt.

kantiano, ousa saber!, ousa fazer uso do próprio entendimento contra todo e qualquer recurso à autoridade.⁴ É preciso pensar por conta própria e se questionar sobre a validade de todo discurso que se apresenta como filosófico.

Isso posto, estamos prontos para tomar como ponto de partida certo discurso corrente na contemporaneidade que exige esses dois erros crassos que contraditam o pensamento filosófico e que foram descritos acima, quais sejam, [1] aceitar passivamente as palavras de seus mentores ou tutores intelectuais; [2] não se prontificar a buscar respaldo na história da filosofia, afinal não devemos reinventar a roda todas as vezes que buscamos pensar sobre algo.

Nossa hipótese fundamental é que por detrás desta técnica retórica, e de outras semelhantes, esconde-se uma postura autoritária que impossibilita o livre exercício da razão, em outras palavras, aquele que se diz portador da verdade exige de seus seguidores que abandonem sua capacidade crítica e aceitem suas teses, por mais absurdas que sejam.

Ao que se propõe aqui, esses exemplos bastam para justificar a defesa do ceticismo metodológico como condição de possibilidade ao exercício filosófico. É pressuposto, por consequência, o entendimento da filosofia como um tipo de atividade investigativa. Visando corroborar esta tese, é pertinente uma breve apresentação da abordagem cética a fim de defender a postura anti-dogmatizante como prerrogativa necessária ao bem pensar. Para tanto tomaremos como referência algo do ceticismo pirrônico revisitado pelas análises de Oswaldo Porchat Pereira, sobretudo em *A Filosofia e a Visão Comum de Mundo*.

Palavras-Chave: Anti-dogmatismo. Ceticismo. Dogmatismo. Discurso. Atividade-Filosófica.

⁴ Cf. afirma Kant em *Resposta à pergunta: Que é o esclarecimento?*, vide bibliografia.